



# ENCONTRO NACIONAL

## 2021

Relato e principais encaminhamentos



Principais atividades do  
Diálogo Florestal

Atuação dos Fóruns Regionais  
do Diálogo Florestal

Novos Modelos de  
Financiamento

Implementação dos  
PRA e PRADAs no Brasil –  
avanços e perspectivas  
nacionais

Intensificação sustentável no  
setor florestal: conceitos,  
questões ambientais

Nova formação do Conselho  
de Coordenação

## **Encontro Nacional Diálogo Florestal 2021**

17 e 18 de novembro de 2021

*Online, via YouTube e Zoom*

### **Organização**

Diálogo Florestal

### **Coordenação Geral**

Fernanda Rodrigues, secretária executiva do Diálogo Florestal

### **Facilitação e relatoria**

Patrícia Bittencourt – Cuidadora e Fernanda Rodrigues – Diálogo Florestal.

### **Conselho de Coordenação**

Empresas: Cenibra, CMPC Celulose Riograndense, Klabin, Stora Enso e Suzano.

Organizações da Sociedade Civil: Associação Mineira de Defesa do Ambiente (Amda), Conservação Internacional (CI), Instituto BVRio, WWF Brasil e Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi), sendo a última a sede da Secretaria Executiva.

### **Apoio financeiro**



## Sumário

Sobre o Encontro Nacional .....	4
Abertura e boas-vindas .....	4
Principais atividades do Diálogo Florestal .....	5
Atuação dos Fóruns Regionais do Diálogo Florestal .....	7
Novos Modelos De Financiamento.....	9
Implementação dos PRA e PRADAs no Brasil – avanços e perspectivas nacionais .....	14
Intensificação sustentável no setor florestal: conceitos, questões ambientais, sociais e econômicas relacionadas .....	16
Apresentação da Nova formação do Conselho de Coordenação .....	21
Encerramento .....	22
Avaliação final .....	22

## Sobre o Encontro Nacional

Organizado anualmente pela secretária executiva nacional sob orientação do Conselho de Coordenação e colaboração da Comitê Executivo, formado pelas(os) secretárias(os) executivas(os) dos Fóruns Florestais regionais em 2021 foi realizado nos dias 17 e 18 de novembro de 2021, e teve como principais finalidades:

- Apresentar os resultados do trabalho do Diálogo Florestal (DF) no Brasil, composto pelas ações realizadas no âmbito nacional e dos Fóruns Florestais regionais;
- Ser um intercâmbio de experiências e informações de interesse;
- Permitir a deliberação sobre os rumos do trabalho do DF no Brasil.

Foi um momento de reunião de participantes dos Fóruns Florestais regionais de todo o Brasil, instâncias executivas regionais e a nacional. Participaram do Encontro Nacional:

- Integrantes do Conselho de Coordenação, participantes de todos os Fóruns Florestais, secretária executiva nacional;
- Nas sessões públicas via YouTube, qualquer pessoa, participante ou não do Diálogo Florestal;
- Nas sessões fechadas via Zoom apenas organizações oficialmente participantes dos Fóruns Florestais do Diálogo Florestal e que realizaram sua inscrição;
- Pessoas convidadas.

Contando com mesas redondas, plenárias e sessões de trabalho em grupos, alternadas de acordo com a dinâmica de cada sessão, buscou-se criar espaços em que participantes se escutassem e compartilhassem seus conhecimentos e experiência. Em decorrência da realização virtual do Encontro Nacional, no formulário de inscrição foi incluída uma pequena pesquisa com o intuito de identificar possíveis barreiras à participação. Quem relatou alguma dificuldade recebeu auxílio prévio para conseguir acessar, testar microfone e câmera.

Participaram:

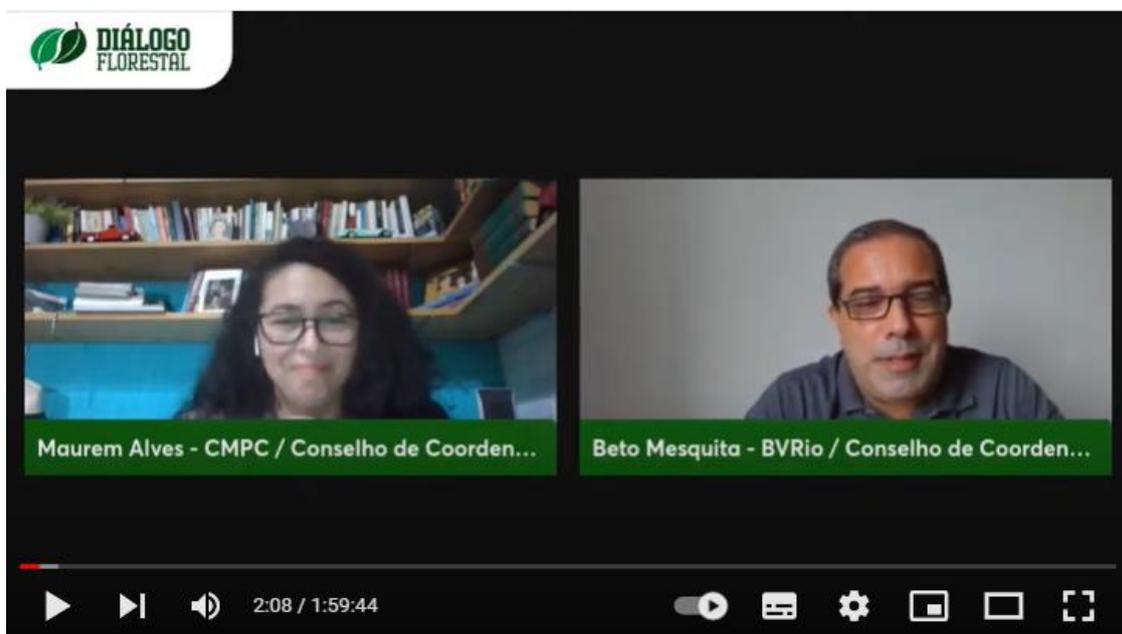
Dia 1: **239 pessoas**, sendo 186 via YouTube e 53 via Zoom;

Dia 2: **268 pessoas**, sendo 228 via YouTube e 40 via Zoom.

## Abertura e boas-vindas

A abertura do Encontro Nacional foi realizada no dia 17 de novembro às 10h via *YouTube*. Maureen Alves CMPC – Conselho de Coordenação e Beto Mesquita (Instituto BVRio – Conselho de Coordenação) deram as boas-vindas e se apresentaram.

Maureen convidou ao diálogo, à escuta ativa das opiniões, no verdadeiro espírito do Diálogo. Beto Mesquita lembrou que estamos celebrando 16 anos de Diálogo Florestal como espaço de interação, cooperação, de debate, de mediação de conflitos. Para que o Diálogo Florestal se consolidasse, Beto lembra que foi necessário perseverança para o diálogo, e que isso não representava concordar, e sim concordar que vale a pena dialogar, pois quando nos abrimos para o diálogo pode ser que se reconheça que temos mais pontos com os quais concordamos do que pontos discordantes, e conseguir refletir sobre eles de forma franca e dialógica leva ao avanço.



Beto e Maurem ainda apresentaram a programação do evento e contaram um pouco sobre o contexto e sobre a sua conexão pessoal com o Diálogo Florestal. Para assistir acesse este [link](#).

## Principais atividades do Diálogo Florestal

Fernanda Rodrigues, Secretária Executiva do Diálogo Florestal, [apresentou os principais resultados de 2020/2021](#). Fernanda iniciou mostrando os objetivos estratégicos que valem até o próximo ano durante sessão transmitida pelo YouTube. Em 2022 esses objetivos serão revisados para o próximo quadriênio. Destaques das ações realizadas em cada um dos objetivos estratégicos:

### Objetivo 1: Fortalecer e multiplicar ações de conservação da natureza nos territórios de atuação do Diálogo Florestal.

- O Diálogo Florestal publicou e continuou a ação bem-sucedida de publicar casos de sucesso e em 2021 elaborou o vol. 10 da publicação “Cadernos do Diálogo” que este ano trará também casos de sucesso com o tema “Ampliando a escala da restauração e o papel da sociedade civil. O evento de lançamento será no início de 2022;
- Elaborado plano de ação específico de restauração;
- Realizada uma série de seminários online sobre os Programas de Regularização Ambiental - PRA e PRADAs para 9 estados brasileiros e no contexto da União. São coorganizadores a Aliança pela Restauração na Amazônia e a SOS Mata Atlântica e organizações apoiadoras Pacto pela restauração da Mata Atlântica, Observatório do Código Florestal e Frente Parlamentar Ambientalista. Todos esses seminários online estão disponíveis para visualização no canal do Youtube do Diálogo Florestal;
- O projeto Diálogo do Uso do Solo Brasil contou com a realização da iniciativa na Bahia – Zona de Amortecimento do Parque Nacional do Pau Brasil e Estação Veracel e também em São Paulo com liderança do Fórum Florestal Paulista;

- Lançamento do Guia sobre o Diálogo do Uso do Solo – Guia LUD (sigla em inglês para Land Use Dialogue), em português e espanhol com apoio da Ibá. A publicação do The Forests Dialogue (TFD) contou com a participação do Diálogo Florestal para sua realização;
- O Diálogo Florestal faz parte e participa das reuniões da Aliança pela Restauração da Amazônia desde o início de 2021, e colabora com o Pacto pela Restauração da Mata Atlântica;
- O Diálogo Florestal passa a ser formalmente apoiador da Década das Nações Unidas da Restauração de Ecossistemas 2021-2030.

#### **Objetivo 2: Ampliar o alcance temático, territorial e institucional do DF.**

- Campanhas de comunicação, pelas redes sociais Youtube, Instagram, Facebook, Tweeter e LinkedIn para divulgação de ações e iniciativas e campanhas dos fóruns regionais e movimentos nacionais do Diálogo Florestal.
- Edição do Relatório de 2020 foi comunicado amplamente e está disponível no website do Diálogo Florestal.

#### **Objetivo 3: Expandir a atuação do DF para a Amazônia.**

- Criado o Fórum Florestal da Amazônia com a participação de diversas organizações, representantes de povos indígenas, do manejo comunitário, empresas. Foi elaborado plano estratégico e o Conselho de Coordenação está em formação;
- Em setembro 2021, no Dia da Árvore, o DF em conjunto com a Embrapa Amazônia Oriental realizaram uma sessão durante o evento *Global Landscape Forum* Amazônia falando sobre “Caminhos possíveis para o manejo sustentável na Amazônia” baseado no Plano Estratégico do Fórum Florestal da Amazônia.

#### **Objetivo 4: Debater temas estratégicos relacionados aos objetivos do Diálogo Florestal e buscar posicionamento, quando possível.**

Realizados debates sobre temas estratégicos sem resultar em posicionamento público.

#### **Objetivo 5: Assegurar a participação e a interação do DF com o meio acadêmico.**

- Participação do Diálogo Florestal na SOBRE 2020 III Conferência Brasileira de Restauração Ecológica com a palestra “Restauração de Paisagens Florestais na Amazônia” a convite da Aliança para a Restauração da Amazônia.
- Adoção da metodologia LUD pelo Instituto Federal de Santa Catarina para apoiar a formação de estudantes de pós graduação em Agroecologia, levando os princípios da metodologia.

#### **Objetivo 6: Fortalecer os Fóruns Regionais (FR)**

- Aumento do número de integrantes do DF este ano, chegando a quase 200 participantes no Diálogo Floresta, o dobro com relação à 2020;
- Os Fóruns regionais do DF se mantêm atuantes em suas áreas de atuação;

- O DF tem apoiado os Fóruns Florestais em várias vertentes, em especial: comunicação, facilitação de eventos online, disponibilização da plataforma Zoom e recursos financeiros;
- Retomada do Fórum Florestal Fluminense.

#### **Objetivo 7: Promover o Diálogo Florestal para ampliar sua influência e a difusão de conteúdos.**

- Apoiamos o VII Congresso Brasileiro de Heveicultura promovido pelo Fórum Florestal Capixaba;
- Integramos a publicação Página 22 que trouxe como tema a Restauração;
- Participação do DF no evento da Universidade de Yale Community Based Forestry;
- Desde março 2021 temos lançado os Boletins, que está na quarta edição.

#### **Objetivo 8: Buscar a sustentabilidade do DF, garantindo a sua viabilidade executiva e financeira a longo prazo.**

- Agradecimentos especiais às empresas que apoiam financeiramente o Diálogo Florestal: Veracel, Suzano, Cenibra, Klabin, CMPC, Stora Enso e as organizações que doaram seu tempo na construção do Diálogo Florestal em 2021: AMDA; Apremavi, BVRio, WWF, Conservação Internacional

### **Atuação dos Fóruns Regionais do Diálogo Florestal**

[Nesta sessão](#) moderada pela secretária executiva do DF Fernanda Rodrigues e transmitida pelo YouTube participaram Victoria Rizo (Fórum Florestal da Bahia), Gilmar Dadalto (Fórum Florestal Capixaba), Elizabete Lino (Fórum Florestal Mineiro), Victor Zanelato (Fórum Florestal PR e SC), Murilo Melo (Fórum Florestal Paulista), Milton Kanashiro e Meriana Santos (Fórum Florestal da Amazônia) e Jorge Alonso (Fórum Florestal Fluminense). A mesa redonda contou com duas perguntas orientadoras:

1. Quais ações/resultados que geraram maior impacto positivo no contexto do Fórum Florestal?
2. Quais são os principais desafios no contexto florestal do Fórum, com foco nas ações programáticas?

#### **Ações/resultados que geraram maior impacto positivo no contexto do Fórum Florestal**

Victor Zanelato começou dizendo que o Fórum tem perspectivas de fazer encontros presenciais em 2022 e manter o foco em restauração na região entendendo o que cada organização está fazendo e potencializar essas ações. O Fórum de PR e SC está nesse momento de levantar quem são os possíveis parceiros tendo o cuidado com o que foi definido como princípio e como prioridade.

Gilmar do Fórum Capixaba disse que o Fórum regional tem ampliado e diversificado a participação no Fórum, em especial intensificado seus relacionamentos e parcerias com instituições e organizações de pesquisa. O Fórum criou linhas de propostas para pesquisa na área florestal, ambiental e ecológica. Iniciaram o Diálogo do Uso do Solo em Guarapari que está atualmente na fase de planejamento e articulação.

Victoria Rizo disse que o Fórum da Bahia implementou em 2020 o Diálogo do Uso do Solo que compreende a área do Parque Nacional Pau Brasil e entorno da Estação Veracel, compreendendo uma área de mais de 70.000 hectares. O projeto de monitoramento da cobertura vegetal, uso e ocupação do solo realizada em parceria com a WRI contou com novas atualizações. O Fórum da Bahia implementou o FASB, Fundo Ambiental Sul Baiano que aprovou este ano 12 projetos.

Elizabete Lino do FF Mineiro disse que o destaque deste ano foi a aprovação para realização de um Diálogo do Uso do Solo em Minas Gerais no entorno do Parque do Rio Doce, uma região muito importante para a conservação da maior área protegida de Mata Atlântica do estado.

Murilo Mello do FF Paulista disse que o tema Água e Floresta teve um desdobramento que culminou na criação de um grupo de ação e na elaboração de um projeto técnico com participação de especialistas de universidade e empresas para discutir sobre o manejo de microbacias no estado. O Diálogo de Uso do Solo / Planejamento Participativo de Paisagens Sustentáveis (LUD/P3S) foi iniciado com a realização do diálogo de escopo com diferentes agentes do setor produtivo. O FF Paulista atuou para o fortalecimento das ONGs locais, o que gerou a criação de um hub para diálogo direto entre as empresas e ONGs sobre capacidades que as ONGs podem oferecer para trabalharem em sinergia.

Milton Kanashiro do recém-criado FF da Amazônia ressaltou que em apenas 6 meses de existência o Fórum já tem um plano estratégico e que conta com a participação de 75 instituições representando 8 estados da Amazônia e vários segmentos. O Diálogo Florestal e Embrapa Amazônia Oriental organização um evento paralelo no *Global Landscapes Forum* Amazônia, trazendo diversas representações e temas como o manejo florestal e a produção de madeira ilegal, que é um tema que une a todos. Para Meriana Santos, da Cooperativa Ouro Verde de Diálogo Florestal vem abrir portas para o diálogo que antes estavam fechadas, o fórum veio para ajudar a divulgar o trabalho na região e a mostrar caminhos a serem trilhados com a ajuda do Fórum.

Jorge Alonso do FF Fluminense destacou que no estado o Fórum tem a participação do poder público e um histórico de incidência em políticas públicas e regulamentações. O tempo que o Fórum ficou inativo criou uma lacuna que se preenche agora com a retomada dos trabalhos. As discussões foram bem amplas e ficou claro que o foco estará no desenvolvimento da silvicultura no estado e na restauração florestal.

### **Principais desafios no contexto florestal do Fórum**

Murilo Mello do FF Paulista iniciou dizendo que o desafio principal desafio é transformar tudo o que foi planejado em realidade: dar continuidade ao LUD P3S mantendo o engajamento dos outros setores, com envolvimento do setor público. Um dos desafios do projeto Água e Florestas é olhar para todos os setores na região, não apenas a silvicultura. Executar e comunicar para a sociedade é também um desafio importante de forma educativa e transparente, além de colocar em prática o novo Hub Florestal.

Victoria Rizo falou que um desafio local é retomar o contato e o relacionamento com todos os envolvidos, produtores, de forma segura e tranquila, que teve um abalo durante a pandemia. Outro desafio é a atualização do plano de ação do FF da Bahia que a pandemia impediu de dar continuidade além de atualizar o mapeamento da cobertura vegetal de toda a região de atuação do FF. No contexto do FASB, o principal desafio é a busca por novos investidores.

Gilmar Dadalto do Fórum Capixaba ressaltou que o principal desafio, com a pandemia é sair a campo, dar continuidade às ações locais, visitas técnicas. O engajamento no Diálogo do Uso do Solo também se apresenta como um ponto importante, visto que parece existir uma certa rixa entre setores produtivo e ambiental, e é necessário juntar e agregar os setores. Entre outros desafios está a busca

de recursos financeiros para desenvolver as atividades, a descontinuidade administrativa do FF e a maior integração dos FFs no Brasil.

Elizabete Lino do FF Mineiro que entre os principais desafios está de fato conhecer a metodologia LUD e planejar a iniciativa, além da dificuldade financeira para manter as ações Fórum, engajar mais participantes e lideranças locais.

Victor Zanelato disse que além dos desafios estruturais dos FF PR e SC, o desafio maior do próximo ano e ponto constante de diálogo é aproximar a conversa com os governos do PR e SC sobre o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA).

Jorge Alonso do FF Fluminense lembrou que o desafio que eles estão enfrentando hoje para o desenvolvimento da silvicultura é o marco legal existente, que ainda é um empecilho. Outro desafio é a definição de áreas prioritárias para a restauração e entender qual o estado atual geral de toda a cadeia produtiva de restauração do estado.

Milton Kanashiro do FF Amazônia lembra que o desafio nesse momento é estruturar o Fórum para desenvolver as ações definidas em seu plano estratégico. A representação comunitária é um grande desafio tendo em vista o tamanho da Amazônia. Meriana ressaltou que são muitos os desafios: ausência do poder público, geração de renda para a comunidade exemplificando que hoje a cooperativa reúne 45 pessoas que veem a possibilidade de escoar a produção cuidando da floresta, sendo necessário encontrar caminhos para escoar os produtos sem dependência do poder público. Em seguida foi realizada uma [sessão de perguntas e respostas](#) que vieram dos participantes no Bate-Papo do Youtube.



## Novos Modelos De Financiamento

Na tarde do dia 17 de novembro foi realizado o painel sobre novos modelos de financiamento, em sessão exclusiva para participantes do Diálogo Florestal pela plataforma Zoom. As boas-vindas foram dadas por Elizabete Lino (AMDA) e Marcelo Pereira (Suzano) do Conselho de Coordenação. O objetivo principal da sessão foi refletir sobre o que há de novo em termos de captação de recursos / financiamento e contou com as apresentações a seguir.

### *Modelos de captação de recursos para projetos*

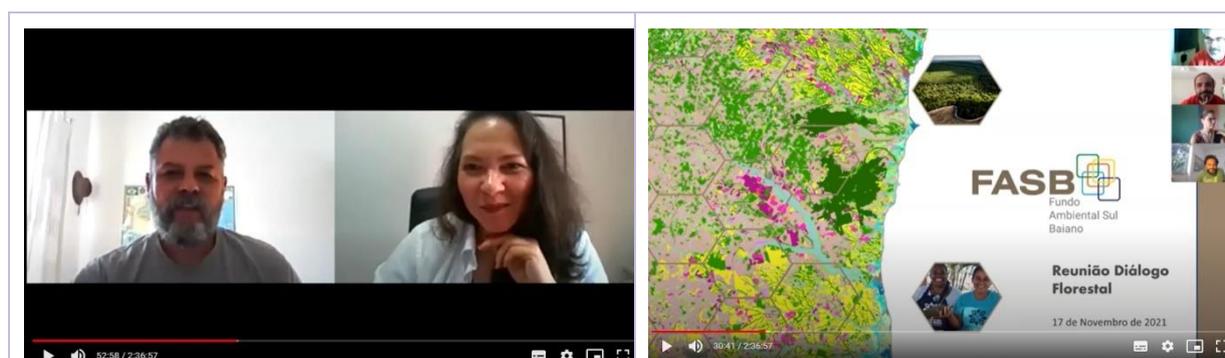
João Paulo Vergueiro, Associação Brasileira de Captação de Recursos.



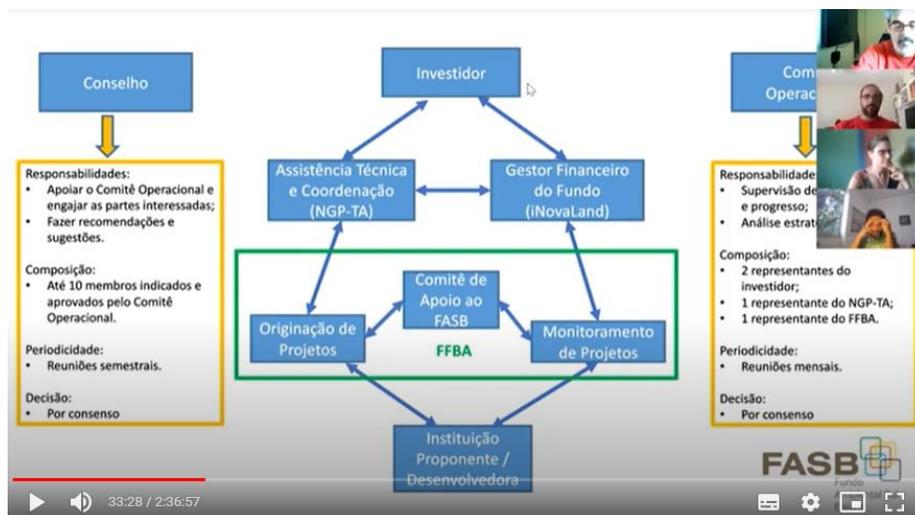
João Paulo Vergueiro lembra que a Associação Brasileira de Captação de Recursos foi criada para promover a sustentabilidade financeira das organizações e trabalhar pelo fortalecimento do ecossistema no qual estamos todos inseridos como organizações sem fins lucrativos, ecossistema da filantropia, das organizações que são criadas em relação as causas. São organizações privadas e tem que gerar recursos e gerar renda. JP lembra que as organizações sem fins lucrativos têm sim renda, embora muitas vezes são vistas como organizações “sem renda”. Outro paradigma que JP Vergueiro quis discutir foi essa premissa de que as organizações devem captar recursos “para projetos”. Antes de tudo, existe uma condição que é o financiamento para que a organização seja financeiramente sustentável. Para organizações da sociedade civil, existe um risco de deixar de lado o financiamento da administração em detrimento do financiamento dos projetos sociais e acabamos por inserir nos projetos despesas que não são despesas do projeto, são despesas administrativas e de estrutura, viciando a lógica do projeto (overhead). Não há projeto sem uma estrutura sólida. Ele diz que é impossível pensar em desenvolvimento de projetos quando a organização tem que se encerrar se o financiamento daquele projeto também se encerra. JP reforçou a importância da receita recorrente para as organizações, receita que não é vinculada a um projeto específico, receita que vem de pessoas, empresas que acreditam na causa que dão recurso livre para financiar as atividades.

### *Fundo Ambiental Sul Baiano (FASB)*

Márcio Braga, Fundo Ambiental Sul Baiano (FASB)



Márcio apresentou as principais ações do Fundo Ambiental Sul Baiano (FASB). Ele contou que o FASB é a união do NGPTA, o Fórum Florestal da Bahia e um investidor, a Kirkbi, fundação proprietária da Lego, na Dinamarca. Foi então criada a FASB, uma plataforma multi-stakeholder para uma região onde tinham muitas ideias de desenvolvimento e poucos recursos. Foi definida uma estrutura para atuação com a definição clara dos papéis e responsabilidades de cada parte.



Marcio Braga conta que foi constituído um Comitê de Apoio ao FASB para integrar o FASB do qual fazem parte uma diversidade de atores, comunidades indígenas, agricultura familiar, empresas Suzano e Veracel, ONGs e participação do Secretário Executivo do Fórum para validar as propostas enviadas ao Fundo. Os projetos passam por uma assistência técnica NGP-TA para “traduzir” os projetos para o investidor e ele escolhe o que vai financiar. O recurso vai direto do investidor ao gestor do projeto, que sai do papel de proponente e passa a ser o desenvolvedor do projeto.

### *Soluções financeiras inovadoras*

Frineia Rezende e João Luiz Guadagnin, Instituto Conexões Sustentáveis – Conexus



Frineia iniciou sua fala falando sobre a Conexus, uma OSCIP, criada em 2018 com foco na ativação de modelos da sociobiodiversidade e agricultura familiar. Sobre soluções inovadoras o foco é no olhar

para negócios sustentáveis que mantenham a biodiversidade e que gerem recursos financeiros para manter as pessoas nessas áreas, principalmente na área rural e no extrativismo. Ressaltou que dinheiro existe, não falta, o que faltam são projetos estruturados, modelos estruturados de negócio para alavancar esses negócios socioambientais e bioeconomia. Para isso é necessário que a agricultura familiar e a atividade do extrativismo tenham projetos e estruturas bem definidas, modelos bem definidos que contemplem os sistemas agroflorestais e a Floresta em Pé para acessar mercado depois, seja mercado de investimento nacional, seja mercado internacional.

João Guadagnin falou como a Conexsus vem trabalhando com a rede de ativadores. Ele explicou que desenvolvimento significa que as pessoas estarão melhores amanhã do que são hoje, vão agregar conhecimento, saber como funcionam as coisas e dialogar. Crédito para os coletores de resinas, óleos, castanha, manejadores de baixo impacto, do arquipélago do Marajá, por exemplo, existe uma linha de crédito dentro do PRONAF que tem taxa de juro de 0,5% ao ano, 25% de bônus, juros negativos para os que pagam no prazo, e concede até R\$6.000,00 por unidade familiar de produção que tenha renda bruta familiar de até R\$ 23.000,00. Esse crédito pode ser concedido a mulheres, assim como para a unidade familiar.

### *Mercado de investimentos em negócios de impacto socioambiental*

Fernando Campos - SITAWI - Finanças do Bem.



Fernando Campos apresentou a Sitawi e iniciou a sua fala que antes havia um espectro que separava as finanças em dois pontos bem distantes, tínhamos as finanças tradicionais nas quais se enquadram as empresas tradicionais de produtos e serviços buscando retorno financeiro e na outra ponta tínhamos a filantropia, organizações sociais que acabam trabalhando com doações e que buscam resultados em termos de impacto socioambiental. Mas entre esses dois polos do espectro existem várias organizações atualmente e outras maneiras de pensar as finanças. O que a SITAWI trabalha com finanças sustentáveis através de consultoria ESG atendendo empresas e instituições financeiras para se adequarem aos preceitos ESG e títulos que tem algum tipo de impacto atrelado a ele. Nas finanças sociais, tem plataformas de empréstimo coletivo, além de trabalhar com recursos filantrópicos e a Sitawi tem uma área de programas territoriais, que busca recursos para serem aplicados no desenvolvimento social e econômico e de conservação da biodiversidade em determinados ecossistemas.

A sessão foi encerrada com uma avaliação com 3 critérios:

Go to [www.menti.com](http://www.menti.com) and use the code 2053 1134

Pressione Esc para sair do modo tela cheia

Mentimeter

## Que bom?

conteúdo muito bom

Grande aprendizado sobre Modelos de Captação para projetos e sustentabilidade de Instituições.

Saber que o Diálogo esta amadurecido e consolidado.

o encontro com amigos de propósito comum

Reencontrar pessoas e manter nossa motivação em relação ao Diálogo Florestal, por todos os avanços e resultados obtidos.

Foi ótimo participar do evento. Uma feliz experiência

Diversidade de participantes e palestrantes excelentes

Conhecimento compartilhado

Muito ricas as apresentações , parabéns!

A troca de informações.

Reencontrar colegas e evoluir na percepção dos desafios e oportunidades

14

Go to [www.menti.com](http://www.menti.com) and use the code 2053 1134

Mentimeter

## Que bom?

Diversidade de participantes e palestrantes excelentes

Reencontrar pessoas e manter nossa motivação em relação ao Diálogo Florestal, por todos os avanços e resultados obtidos.

Conhecimento compartilhado

Muito ricas as apresentações , parabéns!

A troca de informações.

Reencontrar colegas e evoluir na percepção dos desafios e oportunidades

Diversidade, competencia, conhecimento e oportunidades

Diversidade da plenária.

Foi muito enriquecedor! Muito aprendizado! Ótimos convidados com conteúdo para compartilhar! Gratidão!

14

QUE PENA: o que não funcionou tão bem assim, o que não foi bom na visão de todos vocês.

Go to [www.menti.com](http://www.menti.com) and use the code 2552 3593

## Que pena?

Mentimeter

Não digo Pena, mas seria bom que seja oportunizado assuntos similares pois as dúvidas são enormes.

Compartilhar com tanta diversidade de pessoas e instituições com o mesmo objetivo.

Nada a registrar

Tempo curto para tanto talento e conhecimento

Nada, foi tudo ótimo!

que não podemos estar juntos presencialmente

Dimensionamento / divisão do tempo

Pena que ainda não podemos ter um evento presencial para maior interação,

Discussão e trabalho em grupos.

tempo curto para falas

10

QUE TAL: uma sugestão, um feedback, um comentário.

Go to [www.menti.com](http://www.menti.com) and use the code 7016 9152

## Que tal?

Mentimeter

pensarmos em mais exercícios de troca entre iniciativas de diferentes regiões?

Ótimo, rever muitos, conhecer outros e aprender mais!

Termos mais oportunidades como esta

Excelente evento . Informações de quem atua com frequência no financiamento de projetos voltados para sócio biodiversidade, entre outros.

Foram informações muito ricas, diversa, importantes.

Discussão e trabalho em grupos.

grupos maiores discussao

7

## Implementação dos PRA e PRADAs no Brasil – avanços e perspectivas nacionais

Luiz Tapia – Veracel e Miriam Prochnow – Apremavi, do Conselho de Coordenação abriram a transmissão no YouTube na amanhã do dia 18 de novembro relembrando o objetivo da sessão sobre a troca de experiências e visões sobre o contexto geral da implementação do PRA no Brasil, principais

desafios e oportunidades. Para assistir a sessão gravada [acesse este link](#). Esta sessão também gerou um podcast, que pode ser ouvido clicando [neste link](#).



Fernanda Rodrigues deu início a sessão citando que a série de webinars aconteceu no marco de lançamento da Década das Nações Unidas para restauração dos ecossistemas 2021 – 2030, que o DF é formalmente apoiador. Ressaltou que o DF tem atuado no tema da restauração como tema prioritário tendo realizado várias ações visando apoiar essa agenda. A principal delas foi a realização de nove seminários online sendo em Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Rondônia, Pará e Mato Grosso do Sul mais um seminário no contexto da União. Ela chama a atenção que ainda depois de 10 anos do Código Florestal, 9 estados brasileiros ainda não têm PRA regularizado.

Participaram como convidadas da sessão Maria Otávia Crepaldi do IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas, Palladium e atual vice-presidente e futura presidente da Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica representando o Pacto pela Restauração da Mata Atlântica; Joice Nunes Ferreira que é pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, co-fundadora da Rede Amazônia Sustentável e Professora da Universidade Federal do Pará, representando a Aliança pela Restauração na Amazônia; e Roberta Del Giudice, advogada e secretária executiva do Observatório do Código Florestal.

Maria Otávia falou sobre a importância da Década da Restauração como um movimento mundial e onde as mulheres têm cada vez mais protagonismo e falou como o Brasil é uma liderança nas técnicas e métodos de restauração de ambientes tropicais. Alguns deles pouco ou amplamente difundidos como ecossistemas bem exclusivos do Brasil como Pantanal ou Pampa. Ressaltou também como está sendo possível incluir cada vez mais povos tradicionais e outros povos originários que começam a fazer parte dos diálogos, temos uma agenda muito preocupada com inclusão e representatividade. Em sua visão a academia tem um papel fundamental nesta agenda.

Joice Ferreira ressalta que na Aliança pela Restauração da Amazônia tem como objetivo qualificar e ampliar, dar escala à restauração na Amazônia, trabalhando desde a parte de produção de materiais, artigos, sínteses, compilação até grupos de trabalho em políticas públicas, bioeconomia e vários outros temas emergentes. Nesse momento de grandes desafios para a agenda da Restauração e para

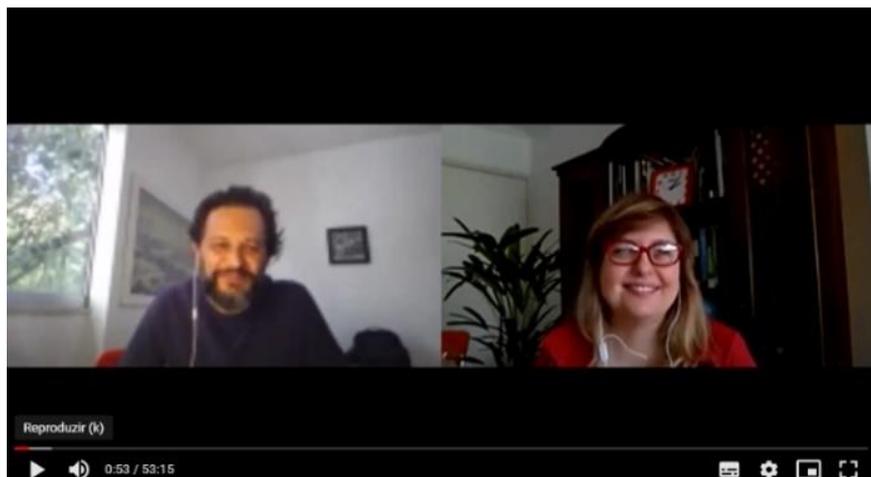
a Conservação, uma questão importante que a Aliança sempre coloca é que a agenda da Restauração caminha lado a lado com a agenda da Conservação. Sobre o PRA nos estados da Amazônia há uma variação, como mostrado pelos webinars foram organizados pelo DF por exemplo. O Pará que tem mais de 10 anos trabalhando com Cadastro Ambiental Rural, vemos que a taxa de CAR analisado está em 14%, em Rondônia essa taxa foi de 18% então mesmo tendo começado antes estão em um patamar muito baixo em relação à necessidade. Esses dados foram a base na elaboração de resumo apresentado na Conferência da SOBRE deste ano.



Roberta diz que só a implementação do Código pode ser responsável pela recuperação de 12 a 15 milhões de hectares de acordo com estudos que já foram desenvolvidos sobre a quantidade de área a restaurar no Brasil para regularização dos imóveis rurais, com impacto muito grande na restauração e na conservação de áreas de proteção permanentes, das reservas legais. O Observatório do Código Florestal é uma rede de organizações, hoje com 39 ONG's que trabalham pela implementação do Código Florestal (CF) com objetivos de criar dados, implementar o CF e tornar a implementação mais transparente e cita ainda que o diálogo é um processo e gera impacto positivo muito. Roberta mostrou que existem diversos estágios de implementação do PRA e que é necessário ter essa decisão política pelo estado, de querer regulamentar o Código Florestal, que se escolham caminhos para viabilizar essa implementação.

## **Intensificação sustentável no setor florestal: conceitos, questões ambientais, sociais e econômicas relacionadas**

Jacinto Lana (Cenibra) e Lilian Vendrametto (Conservação Internacional) abriram o Encontro Nacional do Diálogo Florestal representando o conselho de coordenação no dia 18 à tarde, em sessão exclusiva para participantes via Zoom. Jacinto cita o tema não é importante apenas para o setor florestal, mas para todo o setor agropecuário do Brasil, sabendo que podemos intensificar a produção sem abrir novas áreas e sem desmatamento e que o Brasil tem capacidade para isso. Lilian deu as boas-vindas dizendo que o Diálogo tem sido um ambiente muito favorável para as discussões e conversas, colaborativo, e que a pauta da intensificação é importante também no contexto da agricultura, sabendo que temos áreas desmatadas que podem ser aproveitadas com maior produção na mesma unidade de área, sem desmatamento.



Patrizia Bittencourt apresentou a Daniela Vilela, diretora executiva do FSC - Conselho Brasileiro de Manejo Florestal que iniciou sua fala falando que o seu objetivo será trazer sobre como essa discussão sobre Intensificação Sustentável está acontecendo dentro do FSC, o histórico do porquê isso entra no FSC e algumas visões dos membros, trazer a informação e gerar a discussão.



Daniela traz de onde nasce o conceito de Intensificação Sustentável, explicando que ele nasce muito relacionado com a agricultura, discussões sobre demanda por alimento, demanda por insumos agrícolas. Então a FAO, a organização das Nações Unidas que trata desse tema de alimentos e insumos de base natural cria esse conceito: “Intensificação sustentável é um tema que engloba várias inovações, tecnologias e abordagens científicas, com o objetivo de produzir mais alimentos e fibras, usando menos ou iguais recursos naturais, conservando valores ambientais e promovendo valor compartilhado com a sociedade.” Ou seja, é tentar produzir mais, ter mais insumos a partir de um mesmo espaço que já está consolidado, evitando expandir áreas agricultáveis e com isso compartilhar benefícios para a sociedade e gerando benefícios ambientais, tentando encontrar um equilíbrio que dê conta dessa demanda mundial.

Patrizia Bittencourt apresentou a Dra. Yeda Malheiros de Oliveira, Pesquisadora da Embrapa Florestas, que explicou que o termo intensificação sustentável, ainda antes da FAO adotar o termo, surgiu no contexto da agricultura familiar dos países em desenvolvimento onde a produtividade era baixa. A origem do termo foi uma aproximação agroecológica focado na sobrevivência e no trabalho

com a natureza. Depois a intensificação foi adotada pela comunidade científica tentando enfrentar a crise de alimentos em 2008 e mais recentemente o modelo teórico da Intensificação Sustentável no Painel Montpellier foi desenhado. Yeda explica que intensificação sustentável pode ser usada em qualquer atividade, qualquer área de conhecimento, mas, conceitualmente, está relacionado à área da agricultura. O tripé da sustentabilidade continua sendo contemplado na lógica da Intensificação Sustentável, não é somente produção, mas compartilhamento de benefícios com a sociedade. Não tem como conversar sobre Intensificação sustentável se não estivermos conversando com ciência, fazer sustentavelmente a intensificação é usando ciência. Se for um processo tentativo ou não comprovado, ainda não pode ser considerado Intensificação Sustentável porque temos impactos e temos soluções. Tem-se que conhecer o ecossistema local, temos que entender a resiliência e a capacidade adaptativa daqueles locais, ou paisagem, ou a propriedade e ter um conjunto de tecnologias, protocolos, arranjos, modelos, etc testados e melhorados para aquele ecossistema, específico (*side specific*) e há também uma necessidade de conhecimento das necessidades de mercado, não adianta intensificar a produção se ninguém quer aquilo. Tem que ter esses olhares para saber para onde vai essa produção. “Maior produtividade com efeito “poupa-terra” e um olhar também em “gente”. Fica uma reflexão:

Yeda ressalta que intensificação sustentável não envolve necessariamente o uso de organismos geneticamente modificados (OGMs). O monitoramento do sistema e a avaliação de risco são componentes fundamentais do processo. Usando os modelos climáticos como inspiração, estabelecer linhas de base pode ser o caminho e buscar, via pesquisa, os melhores indicadores e as melhores métricas, visando uma proposta conciliadora.

## SESSÃO DE CAFÉ MUNDIAL

Com a divisão de participantes em três grupos, a intenção foi levantar outras considerações ambientais, sociais e econômicas no contexto da intensificação sustentável. Cada grupo circulou nas três salas e pode construir a partir das contribuições do grupo anterior. Os resultados consolidados por grupos e discutidos em plenária são apresentados a seguir:

Aspectos AMBIENTAIS no contexto da intensificação sustentável

- Considerar a potencial interação / influência sobre outras culturas ou remanescentes naturais
- Pode favorecer a conservação do solo

- Favorece a manutenção e/ou intensificação dos serviços ecossistêmicos
- Aumenta a produção com boas práticas de manejo
- Contribui para a melhor adaptação/mitigação às mudanças climáticas (maior estoque de carbono, maior permeabilidade do solo, outros serviços ecossistêmicos)
- Pode-se produzir mais na mesma unidade de área, o que diminui a pressão sobre áreas de conservação / Pode evitar mais desmatamentos
- Associada ao bom manejo pode ajudar na conservação da quantidade e qualidade de água
- Considerar que um aumento na produção de biomassa por área, poderia potencialmente aumentar o consumo de água e isso precisa ser considerado na IS. Desenvolvimento de clones, espaçamentos, técnicas de manejo, monitoramento do balanço hídrico
- Pode melhorar condições de solo em regimes de ILPF
- Em sistemas consorciados têm vantagens do ponto vista ambiental
- Pode reduzir o uso de químicos, agrotóxicos e adubos, sendo, portanto, positiva
- Deveria gerar um uso mais eficiente de recursos, como água e solo
- Intensificação dos aspectos de qualificação e capacitação dos atores sociais, ressaltando-se os conceitos fundamentais sobre a intensificação sustentável e os requisitos para a sua implementação
- Se não devidamente praticada (sustentável), pode causar maiores impactos locais.
- A sustentabilidade deve ser o propósito da intensificação, não o seu adjetivo.
- Permitir áreas não utilizadas para o plantio e manejo sejam utilizadas pela comunidade do entorno (exemplo projeto piloto Fibria agora Suzano)
- Os modelos de mosaicos florestais na paisagem, conciliando plantações com remanescentes de ecossistemas nativos, precisam ser inseridos no contexto do avanço da intensificação, por exemplo, com práticas de manejo e colheita que intensifiquem a função de corredor das plantações.
- Que o desenvolvimento de clones (florestas plantadas) vise todos os aspectos da sustentabilidade, social, econômica e ambiental
- Novas tecnologias não devem substituir as consolidadas para se imporem como a única alternativa.

#### Aspectos SOCIAIS no contexto da intensificação sustentável

- Com o avanço da intensificação reduz a necessidade de terras, logo produz mais com menos
- Disputa pela terra para produzir alimentos fortalece a necessidade de intensificação
- Intensificação é interessante para reduzir a disputa pela água
- Necessidade de aumentar a oferta de produtos demandado pela sociedade
- Reduzir a disputa por insumos
- Intensificação dos aspectos de qualificação e capacitação dos atores sociais, ressaltando-se os conceitos fundamentais sobre a intensificação sustentável e os requisitos para a sua implementação
- Importante sabermos como vamos qualificar as pessoas para que saibam como contribuir com a sustentabilidade
- Intensificação pode aumentar o consumo de água
- É preciso pensar em manejos para produzir mais com menos água
- Importante estabelecer critérios para não estimular o aumento exacerbado de área plantada com consequente degradação
- Intensificação pode gerar uma reação em cadeia ampliação do consumo. é preciso trabalhar o consumo sustentável junto com a discussão da intensificação.

- IS precisa considerar também maior intensidade de mão de obra, com maior geração de oportunidades de trabalho e renda.
- O contexto é fundamental para a definição do até onde vai a sustentabilidade da intensificação
- É preciso equilibrar intensidade e consumo a uma produção equilibrada.
- Intensificação de capacitação de mão-de-obra para acompanhar novas técnicas
- Promover a IS garantindo os direitos das comunidades e povos tradicionais.
- Necessitamos da ecologia feminista de saberes, pois as mulheres no campo mais empoderadas, qualquer nível de intensificação precisa considerar os saberes tradicionais das mulheres
- Necessitamos da ecologia feminista de saberes, pois as mulheres no campo mais empoderadas, qualquer nível de intensificação precisa considerar os saberes tradicionais das mulheres
- É preciso olhar para os vários níveis de governança territorial, considerando as políticas públicas e ações concretas em torno do empoderamento
- A intensificação, enquanto a AbE (Adaptação baseada em Ecossistemas), pode contribuir para diminuir a insegurança alimentar, além de outros impactos relacionados às mudanças climáticas
- A intensificação sustentável tem que garantir a soberania alimentar, pois é comum a substituição de alimentos por conta do preço mais barato.
- Levantar em consideração processos de capacitação
- Importante agregar projetos de capacitação e educação das populações locais
- Importante agregar projetos de capacitação e saúde das populações locais
- Aproveitar áreas de intensificação sustentável para o turismo e em ambientes naturais

#### Aspectos ECONÔMICOS no contexto da intensificação sustentável

- Projeto de abelhas. Disponibilizar áreas de floresta para a comunidade colocar caixas de abelhas
- Suporte técnico para o produtor plantar espécies e venda da produção, gerando renda local e regional.
- Fomento é uma diretriz fundamental para a IS. Necessidade de compartilhamento das inovações com produtores associados. Os ganhos em valor decorrentes da IS precisam ser compartilhados com os associados.
- Cuidado com a premissa de que o aumento da produtividade reduz a demanda por área. Em muitos casos, o aumento da rentabilidade, decorrente dos ganhos em produtividade, resulta em mais áreas de produção. Há que se criar salvaguardas para isso.
- Olhar para IS da renda na propriedade e não só da IS da porção da plantação na propriedade, que alternativas econômicas existem? Olhar mais ampliado ao invés de focar no volume produzido e produtividade.
- IS é caminho sem volta. Até onde dá para considerar uma intensificação sustentável? e tomar medidas de precaução para que não passe o limite da sustentabilidade econômica, social e ambiental.
- O contexto é fundamental para a definição do até onde vai a sustentabilidade da intensificação.
- Bioeconomia, uma das vantagens da IS é produzir mais em mesma área. Produzir mais fibras significa uma nova linha de produtos (inovação) que podem vir dessas florestas. Aumentar a gama de produtos. Substituição por materiais renováveis, por exemplo.
- A IS é aumentar a produção por meio da produtividade, melhorar a produção em uma mesma área, não é expandir fronteira agrícola.

- Bioeconomia é uma chave importante para a IS, países desenvolvidos não tem a biodiversidade que o Brasil tem.
- O fato de aumentar a produtividade em área específica, deixa de ocupar outro espaço que não tem IS. A IS ajuda a não ter mais remanescentes de produção.
- Como fazer com que a geração de renda / riqueza inclua atores locais
- A IS deve levar em consideração a geração de emprego e renda em sinergia com os valores culturais das comunidades e povos tradicionais.

## **Apresentação da nova formação do conselho de coordenação**

Após chamada de candidaturas para três vagas na categoria organizações da sociedade civil e duas para instituições de ensino e pesquisa, integrantes do Diálogo Florestal enviaram suas candidaturas durante o mês de outubro. No início de novembro foram realizadas as eleições entre pares e a nova composição do conselho de coordenação nacional foi apresentada três novas organizações da sociedade civil e duas instituições de ensino e pesquisa passam a compor o Conselho de Coordenação Nacional do Diálogo Florestal, são elas:

### *Sociedade Civil:*

- Amigos da Terra – Amazônia Brasileira, representada por Mauro Armelin e Roberta Delgiudice;
- Imaflores – Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola, representado por Leonardo Martin Sobral e Ellen Cavalheri;
- IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, representado por Maria Otávia Silva Crepaldi e Simone Tenório.

### *Instituições de Ensino e Pesquisa*

- Embrapa Amazônia Oriental, representa por Milton Kanashiro e Lucas José Mazzei de Freitas;
- Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema, representada por Maurício Talebi Gomes.

Nosso muito obrigada à dedicação da AMDA e da Conservação Internacional CI-Brasil, que deixam o Conselho.

Os mandatos têm duração de 3 anos sem possibilidade de reeleição. As instituições de ensino e pesquisa terão o papel de apoiar a tomada de decisão, fazendo recomendações para o Conselho no intuito de trazer o olhar da academia para discussões estratégicas sem, contudo, participar da tomada de decisão.

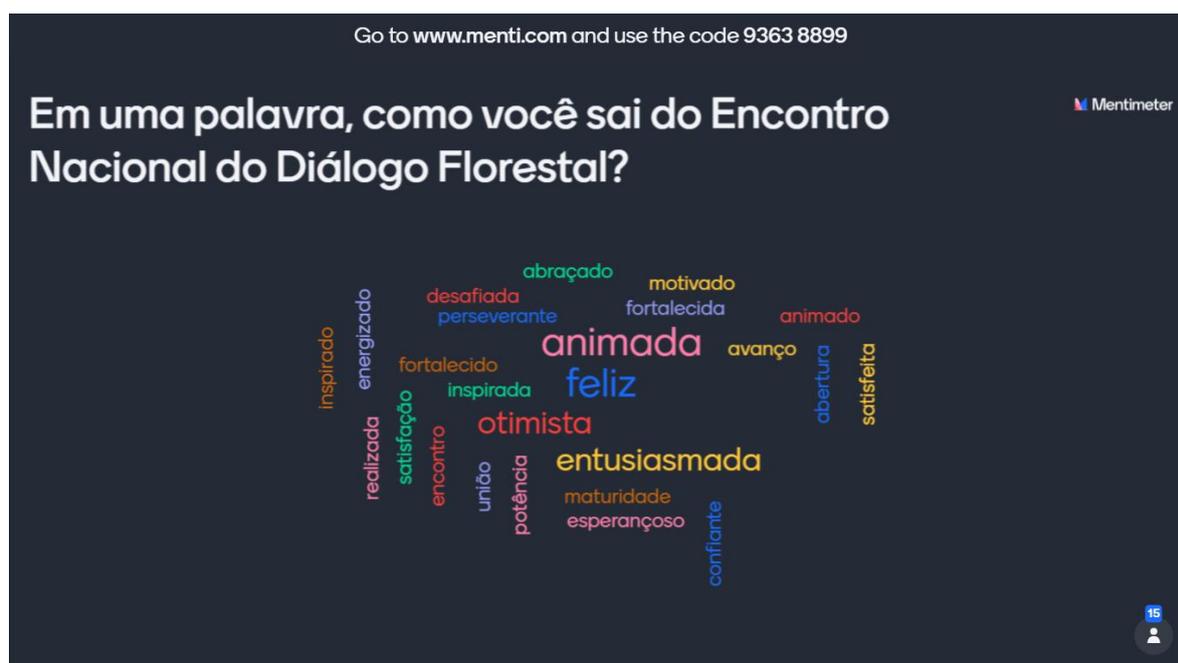
Em 2021 foi realizada enquete entre participantes do DF, que aprovaram por unanimidade o aumento de uma vaga para sociedade civil e uma para empresa no Conselho. Em 2022 serão abertas novas vagas para organizações da sociedade civil, além de vaga para nova empresa que consta disponível.

## Encerramento

O encerramento foi realizado por Ivone Namikawa (Klabin) do conselho de coordenação e Mauro Armelin (Amigos da Terra Amazônia Brasileira), representando a organização recém-eleita ao conselho de coordenação do Diálogo Florestal. Nesta fala final Ivone Mauro reforçaram a importância do diálogo e parabenizaram o Diálogo Florestal pelas conquistas em um cenário global de pandemia.

## Avaliação final

Pergunta geradora: Como você está saindo do Encontro Nacional de hoje?



### LISTA DE PRESENÇA - DIA 1 – TARDE

Adriana da Rocha Severino (Núcleo Monte Pascoal - Rede Povos da Mata)

Alicia Messias (Observatório de Justiça e Conservação)

Aline Damasceno (Reserva Ecológica de Guapiaçu - REGUA)

Camila Maia (Observatório de Justiça e Conservação)

Camilla Marangon (Ibá)

Carem Zanardo Maiera (Stora Enso)

César Tavares (Mater Natura)

Daniel Venturi (WWF-Brasil)

Daniela Vilela (FSC Brasil)

Danielle Lopes (SITAWI)

Denise Jeton Cardoso (Embrapa)

Eduardo Tavares (Instituto Hóu FFMG)  
Elizabeth Lino (AMDA / Conselho de Coordenação)  
Ellen Cavalheri (Imaflora)  
Fabiano Melo (UFV)  
Fernanda Rodrigues (Diálogo Florestal)  
Fernando A. Leite (Amda)  
Fernando Campos (SITAWI)  
Frineia Rezende (Conexsus)  
Gilmar Dadalto (Cedagro / FF Capixaba)  
Heloise Lebkuchen (Irani Papel e Embalagem)  
Ivone Namikawa (Klabin / Conselho de Coordenação)  
Jacinto Lana (CENIBRA / Conselho de Coordenação)  
João Luiz Guadagnin (Conexsus)  
Jorge Alonso (APEFRJ - FF Fluminense)  
José de Sá (UNIR)  
João Paulo Vergueiro (ABCR)  
Juliana Tramontina (Adami S/A)  
Leonardo Sobral (Imaflora)  
Lilian Vendrametto (CI - Brasil)  
Luiz Tapia (Veracel)  
Marcelo Pereira (Suzano / Conselho de Coordenação)  
Marcia Marcial (FF da Bahia)  
Marcio Braga (NGPTA/FASB)  
Mariana Schuchovski (Rede Mulher Florestal)  
Maurem Alves (CMPC / Conselho de Coordenação)  
Mauricio Talebi (UNIFESP/ Conselho de Coordenação)  
Mauro Armelin (Amigos da Terra Amazônia Brasileira)  
Meriana Santos (Cooperativa Ouro Verde)  
Milton Kanashiro (Embrapa Amazonia Oriental / FF da Amazonia)  
Murilo Melo (Instituto Itapoty / FF Paulista)  
Natasha De Vuono (2Tree)  
Patrizia Bittencourt (facilitadora da Cuidadoria / Diálogo Florestal)  
Philippe Waldhoff (IFAM)  
Sandra Cunha (Associação Água Marinha)  
Silvia Daskal (SITAWI)  
Tatiana Motta (Associação Corredor Ecológico do Vale do Paraíba)

Victoria Rizo (FF da Bahia)  
Virgínia Camargos (Veracel)  
Vitor Zanelatto (FF PR e SC)  
Wander Antunes (Agropalma)

#### **LISTA DE PARTICIPANTES - DIA 2 – TARDE**

Beto Mesquita (BVRio)  
Bruno Coutinho (CI-Brasil)  
Camilla Marangon (Ibá)  
César Tavares (Mater Natura)  
Cynthia Meireles (UFRA)  
Daniela Vilela (FSC Brasi)|  
Danylo Aguiar (Facilitador Cuidadoria / Diálogo Florestal)  
Denise Jeton Cardoso (Embrapa Florestas)  
Elizabeth Lino (AMDA)  
Ellen Cavalheri  
Fernanda Rodrigues (Diálogo Florestal)  
Gilmar Dadalto (Cedagro / FF Capixaba)  
Eduardo Tavares (Instituto Hóu / Fórum Florestal Mineiro)  
Ivone Namikawa (Klabin)  
Jacinto Lana (CENIBRA)  
Jorge Alonso (FF Fluminense - APEFERJ)  
Leonardo Sobral (Imaflora)  
Lilian Vendrametto (CI - Brasil)  
Luiz Tapia (Veracel)  
Marcelo Ferronato (Meu pé de árvore)  
Marcelo Pereira (Suzano)  
Marcia Marcial (FF da Bahia)  
Marcos  
Maria Otávia Crepaldi (IPÊ)  
Mariana Schuchovski (Rede Mulher Florestal / Verde Floresta)  
Maurem Alves (CMPC)  
Mauricio Talebi (UNIFESP/ Conselho de Coordenação)  
Mauro Armelin (Amigos da Terra Amazônia Brasileira)  
Meriana Alves (Cooperativa Ouro Verde)

Milton Kanashiro (Embrapa Amazonia Oriental)

Miriam Prochnow (Apremavi)

Murilo Mello (Instituto Itapoty / FF Paulista)

Patricia Machado (Ibá)

Patrizia Bittencourt (Diálogo Florestal)

Vanderlúcia da Silva (Impacto / FF da Amazônia)

Victoria Rizo (FF da Bahia)

Victoria Rosenthal (CMPC Brasil)

Vitor Afonso Hoeflich (UFPR)

Wander Antunes (Agropalma)

Yeda Malheiros (Embrapa Florestas)